

Comunicar Património

«Entre as mais nobres actividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra» (SC 122).

As igrejas, capelas, ermidas, santuários são um espaço privilegiado de oração e acção de graças, porque espaço da memória e da comunicação da fé. Cada momento da história viu produzir novas obras para o verdadeiro culto ao Pai da Misericórdia, sendo a expressão do viver e sentir dos fiéis em cada época cultural para que a liturgia na cultura “resplandecesse” e fosse já na terra uma antevisão da “liturgia do céu”. Por isso mesmo, é que estas obras, além de serem “caminho” para o Mistério, são também expressão artística de um tempo e se constituíram em património cultural de grande significado para a história religiosa e sócio-cultural, como aqui em Torre de Moncorvo, em Freixo de Espada à Cinta, em Miranda do Douro, em Algosinho, em Santo Antão da Barca, em Lamalonga, em Avantos, em Castro de Avelãs, em Outeiro e em Bragança e tantos e tão belos lugares deste Nordeste Transmontano.

Hoje, os fiéis de cada lugar com a colaboração recíproca das Paróquias, Unidades Pastorais, Comissão Diocesana de Arte Sacra e Bens Culturais, do Serviço Diocesano da Pastoral do Turismo, do Secretariado Diocesano das Comunicações Sociais, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, da Secretaria de Estado da Cultura, da Direcção Regional de Cultura do Norte, dos 12 Municípios, mais do que outrora, são chamados a serem os “guardiães do templo”. Olhando o património tão belo e rico da Diocese de Bragança-Miranda, vemos com preocupação alguns lugares a conhecerem a quase desertificação. Mas a igreja ou capela continua a ser uma realidade da memória que, como tal, todos os esforços serão poucos para mantê-la “em pé” e aberta.

O Património imóvel e móvel das igrejas é um tesouro frágil. Além do seu interesse estético e artístico, este bem cultural tem, fundamentalmente, um valor religioso inestimável que é testemunho vivo da vida e da história das comunidades. Contudo, tendo perdido, muitas vezes, a sua utilização originária, tornou-se, por vezes, património ameaçado em todos os sentidos.

Comunicar este património só é possível e legítimo tendo como horizonte de reflexão imperativo a conservação preventiva e agir no meio ambiente onde está inserido esse património antes de agir sobre o objecto. Tendo em vista o cuidado actual

de desenvolvimento durável, a manutenção e a conservação do património torna-se um desafio crucial.

Comunicar Património é comunicar a beleza da fé, na fé expressa na arte, na arquitectura, na escultura, na pintura, no têxtil, na ourivesaria sacra, nos livros litúrgicos, na oração da Igreja. Ao mesmo tempo é deixar que o Património comunique a Bíblia e a fé da Igreja. Não aceitemos que a beleza se torne um mero ornamento ou um banal artefacto de consumo. «A beleza salvará o mundo», afirma Dostoievski.

Os bens culturais da Igreja têm em si o segredo que Romano Guardini tão bem revelou: «essencial para uma obra de arte é ter um sentido, mas não um objectivo (...). Não “olha” a nada, mas “significa”; não “pretende” nada, mas “é”».

Torre de Moncorvo, 18 de outubro de 2014

Dia Nacional dos Bens Culturais da Igreja

+ José Manuel Cordeiro

Bispo de Bragança-Miranda